

ANA VANESSA
DUARTE LOPES

A FORÇA DO ASSOCI- ATIVISMO

AS COLETIVIDADES NAS POVOAÇÕES
DA ATUAL UNIÃO DE FREGUESIAS DE ABRUNHEIRA,
VERRIDE E VILA NOVA DA BARCA

Casa do Povo
Abrunheira



A FORÇA DO ASSOCIATIVISMO

Autora

Ana Vanessa Duarte Lopes

Consultoria Científica

Maria Amélia Álvaro de Campos

Capa e Paginação

Gutenberg, Produções Gráficas

1ª Edição | setembro de 2018

I.S.B.N.

978-989-54220-0-5

Depósito Legal

446040/18

Impressão e Acabamentos

Gutenberg - Produções Gráficas

T. 239 621 416

Bolêta - Carapinheira

Tiragem

250 exemplares

**ANA VANESSA
DUARTE LOPES**

A FORÇA DO ASSOCI- ATIVISMO

AS COLETIVIDADES NAS POVOAÇÕES
DA ATUAL UNIÃO DE FREGUESIAS DE ABRUNHEIRA,
VERRIDE E VILA NOVA DA BARCA

**ANA VANESSA
DUARTE LOPES**

A FORÇA DO ASSOCI- ATIVISMO

**AS COLETIVIDADES NAS POVOAÇÕES
DA ATUAL UNIÃO DE FREGUESIAS DE ABRUNHEIRA,
VERRIDE E VILA NOVA DA BARCA**

Casa do Povo
Abrunheira


PREFÁCIO

O estudo histórico do associativismo em Portugal tem alcançado, nas últimas décadas, um desenvolvimento historiográfico significativo, a que não são alheias circunstâncias conjunturais, entre as quais, a ampliação dos direitos políticos, a organização do Estado democrático, a descentralização administrativa, a afirmação das identidades locais e das várias dimensões da soberania popular, a emergência do empreendedorismo. Este incremento tem sido acompanhado pela fundação de um multifacetado universo de associações, tanto das áreas económica, política, científica e cultural como da esfera do trabalho, do lazer e do desporto, sendo escassos os campos que escapam ao fenómeno. Considerado um indicador de democratização e de participação social, constitui igualmente um instrumento de reforço de coesão entre as populações e as localidades, associando gerações distintas, e um fator de dinamização das coletividades.

De origem antiquíssima, remontando à Idade Média, é sobretudo a partir da implantação do liberalismo que o associativismo se amplia, tendo a monarquia constitucional proporcionado as condições jurídico-institucionais para a criação de associações voluntárias. Presente no Código Civil, de 1867, o direito de associação é politicamente formalizado com a Constituição Republicana, de 1911, sendo incluído nos direitos de cidadania. Desde essa data à atualidade, o movimento associativo tem aumentado, com avanços e recuos, atendendo, sobretudo, ao ambiente político desfavorável durante o período do Estado Novo, situação que o regime instaurado após a Revolução de abril de 1974 veio alterar, ao reconhecer-se o direito de liberdade de associação e ao atribuir-se o estatuto de utilidade pública às coletividades.

O livro *A força do associativismo: as coletividades nas povoações da atual União de Freguesias de Abrunheira, Verride e Vila Nova da Barca*, de Ana Vanessa Duarte Lopes, oferece-nos uma visão de conjunto sobre a evolução histórica do associativismo e reconstitui, sob múltiplas e singulares dimensões, as práticas associativas nas referidas freguesias, desde o século XIX aos dias de hoje.

Enquadrado por um projeto de investigação promovido pela Casa do Povo de Abrunheira, esta obra surge pela vontade de homenagear o movimento associativo, de longeva tradição, nas referidas freguesias, de evidenciar a evolução das suas atividades e a sua grande proximidade com as comunidades locais. Reflete igualmente o reconhecimento da importância da memória como fator de unidade e de confiança, um apego afetivo ao espaço analisado e um compromisso ético com a governação local, sentimentos partilhados pelos corpos dirigentes da mencionada associação de quem partiu a iniciativa deste projeto editorial. O coração esconde memórias que urge recuperar, reiterando a capacidade de dedicação, a convivialidade e a força criadora das gentes de Abrunheira, de Verride e de Vila Nova da Barca...

A problemática central pela sua incidência nas raízes do poder local é atual e oportuna, sabendo-se que o associativismo está em “crise”, em consequência da quebra demográfica, do envelhecimento populacional, do avanço do individualismo, entre outros fatores.

A sua autora, Ana Vanessa Duarte Lopes, é uma jovem Mestre em História Contemporânea, com obra publicada e créditos firmados na historiografia nacional. A escolha não podia ter sido mais justa e acertada. Acresce a circunstância de também ter sido membro e executante da Associação Filarmónica União Verridense, o que contribuiu para a inspirar e entusiasmar. Para este estudo empreendeu um rigoroso trabalho de pesquisa e de leitura crítica das

fontes disponíveis, manuscritas e impressas, recolhidas em arquivos nacionais e das coletividades locais, a que juntou testemunhos orais, entretecendo os temas tratados com experiências pessoais que a ajudaram a tornar mais denso e complexo o estudo, recuperando pontos de vista subjetivos, através das vozes de quem os viveu, cujos intervenientes, por essa via, também se tornaram atores da história local.

O livro, com cerca de 184 páginas, divide-se em três capítulos, precedidos por uma nota de abertura, onde se define o objetivo do estudo e se caracteriza a metodologia de trabalho, terminando com umas breves considerações finais. Completa-o a listagem das principais fontes e bibliografia consultadas e um conjunto de anexos, constituídos, em grande parte, pela listagem dos membros dos corpos gerentes de algumas coletividades ou de órgãos administrativos que marcaram as respetivas instituições, bem como por quadros de apoio ao texto escrito. Acompanham o texto algumas fotografias que perpetuam, pela imagem, recordações do passado e que prestam justiça a todos aqueles que, em algum momento, cruzaram a sua vida com estas coletividades locais.

No primeiro capítulo, a autora procede a uma reflexão teórica sobre os conceitos utilizados, suas origens históricas, e traça o quadro evolutivo do associativismo no nosso país, em estreita articulação com os regimes políticos que se sucederam, desde o século XIX aos nossos dias. De seguida debruça-se, em profundidade, sobre as freguesias objeto de estudo, a fim de melhor definir o pano de fundo sobre o qual assenta a “força do associativismo local”. A partir dos recenseamentos populacionais e de um multifacetado corpo de fontes reconstitui a evolução populacional, o nível de alfabetização e de instrução escolar, o tecido económico e as principais fontes de rendimento e de ocupação das comunidades aldeãs, a reorganização

administrativa que o território das freguesias foi sofrendo ao longo do tempo até se fixar, por legislação de 2013, na configuração atual.

O terceiro capítulo, o mais extenso, é inteiramente dedicado à caracterização das vinte e três associações fundadas, entre os anos de 1808 (a mais antiga) e o de 1999 nas freguesias de Abrunheira, de Verride e de Vila Nova da Barca, as quais estão, neste momento, reduzidas a cerca de uma dezena.

Com rigor e mestria, sempre atenta ao pormenor, Ana Vanessa Duarte Lopes faz o seu levantamento por freguesia, por regime político, por tipologia, para se deter, detalhadamente, em cada coletividade, reconstruindo, sempre que possível, os quadros principais da sua história. Infelizmente apenas algumas coletividades preservaram os seus arquivos, condição absolutamente indispensável para se poder conhecer o seu passado e projetar o futuro. Neste campo, esta obra tem também o mérito de alertar para a necessidade de se conservarem os acervos documentais das coletividades, de os estudar e de os transmitir às gerações futuras. Merece, ainda, ser destacado o que raramente é explicitado em estudos desta natureza: o sentimento de apego às “pequenas pátrias”, ou seja, o amor à terra, como fator mobilizador da educação e do progresso das populações.

O livro *A força do associativismo: as coletividades nas povoações da atual União de Freguesias de Abrunheira, Verride e Vila Nova da Barca* constitui um notável esforço de investigação empírica e de compreensão analítica dos cerca de duzentos e dez anos de ação do associativismo local. Um livro nostálgico, cheio de memórias felizes... Mas também corajoso e ousado pelo desassombro com que apela à preservação da memória e à reconstituição de um passado coletivo...

Irene Vaquinhas

*Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra/
Centro de História da Sociedade e da Cultura*